

Ano 2 Nº 10 «««»»» OUTUBRO, 1998

Acordei meu bem pra lhe contar meu sonho:
sem apoio de mesa ou jarro eram
as buganvílias brancas destacadas de um escuro.
Não fosforesciam nem cheiravam nem eram alvas.
Eram brancas no ramo, brancas de leite grosso.
No quarto escuro, a única visível coisa, o próprio ato de ver.
Como se sente o gosto da comida eu senti o que falavam:
“A ressurreição já esta sendo urdida, os tubérculos
da alegria estão inchando úmidos, vão brotar sinos”.
Doía como um prazer.
Vendo que eu não mentia ele falou:
as mulheres são complicadas. Homem é tão singelo.
Eu sou singelo. Fica singela também.
Respondi que queria ser singela e na mesma hora,
singela, singela, comeciei a repetir singela.
A palavra destacou-se novíssima
como as buganvílias do sonho. Me atropelou.
– O que que foi? – ele disse.
– As buganvílias...
Como nenhum de nós podia ir mais além,
solucei alto e fui chorando, chorando,
até ficar singela e dormir de novo.

Do Grupo Teatral ArtEfato da Idade, aos companheiros
Sebastião Alves da Costa (1944/1994) e Marlene Dolin Salada (1940/1998).
Adélia Prado: No Meio da Noite, de Poesia Reunida.

Alma minha gentil, que te partiste
tão cedo desta vida, descontente,
repousa lá no céu eternamente,
e viva eu cá na terra sempre triste.

Se lá no assento etéreo, onde subiste,
memória desta vida se consente,
não te esqueças daquele amor ardente
que já nos olhos meus tão puro viste.

E se vires que pode merecer-te
alguma coisa a dor que me ficou
da mágoa, sem remédio, de perder-te

roga a Deus, que teus anos encurtou,
que tão cedo de cá me leve a ver-te
quão cedo de meus olhos te levou.

Soneto 9, Luís Vaz de Camões (1517, 1524 ou 1525/1580)

Calco sob os pés sórdidos o mito
que os céus segura – e sobre um caos me assento.
Piso a manhã tombada no cimento
como flor violentada. Anjo maldito,

(pretendi devassar o nascimento
da terrível magia) agora hesito,
e queimo – e tudo é o desmoronamento
do mistério que sofre e necessito.

Hesito, é certo, mas aguardo o assombro
com que verei descer de céus remotos
o raio que me fenderá no ombro.

Vinda a paz, rosa-após dos terremotos,
eu mesmo ajuntarei a estrela ou a pedra
que de mim reste sob os meus escorbos.

Poema Português 6, José Ribamar Ferreira Gullar

Estrela cadente
risca de luz
a negrura da noite.

Carlos Cornejo, Haikai; Folha ao Vento 1 – Outono 98
(CP 4268, CEP 01061-970 – São Paulo, SP)

Já não mais se vê os melros nos laranjeiras
já não mais se vê os sabiás nas laranjeiras
os cachos de banana estão intactos
não mais se vê os sanhaços
nos fundos de quintais.
Uma ou outra solitária pomba rola
ainda aparece de quando em vez
revelando assustada a sua timidez.
O pouco que resta dessa geração
se acha prisioneiro nas gaiolas
numa covarde miniatura de prisão.
Os tatus, os preás, as cotias,
os ouriços, os gambás e outros mais
são hoje peças raras.
E o nosso centenário e altivo jacarandá
refúgio dos periquitos e das araras?
Já não mais existe – não
impiedosamente ceifado
pelas mãos de um ser que se diz civilizado
se transformou em pedaços de carvão.

Helvécio Durso, S. O. S.: de Rosário de Trovas, 1997

Talvez que um dia volte. Nesse dia
eu terei flores para te ofertar
e, como outrora, a minha poesia
será toda vestida de luar.

Esta minha fatal melancolia
há de, por certo, logo me deixar,
e sorrindo e chorando de alegria,
eu farei tudo para te agradar...

Mas quando, revivendo o amor passado,
– aquele amor que presumi eterno –
eu te beijar a boca, deslumbrado,

verei que foi em vão a minha espera,
porque, já velho, eu não terei, no inverno,
aquele mesmo ardor da primavera!

Athayr Cagnin: Presentimento, de Seixo Rolado, 1982

A morte, essa megera abominável,
segue meus passos sorrateiramente.
Para onde eu vou, segue ela, imperturbável,
em seu determinismo delinqüente.

Luto contra a presença indesejável
dessa execrável sombra persistente.
Nada detém sua marcha inexorável!
Quando penso livrar-me está presente.

Suas gélidas mãos sinto em meu peito
nestas noites de dor em que ela adeja
sinistramente em torno do meu leito.

E ao ver que aos poucos vou chegando ao fim,
peço apenas a Deus que me proteja
e à minha Virgem Mãe que ore por mim.

Athayr Cagnin: Presságio, de Seixo Rolado, 1982

O eterno manguê
um caranguejo salta
rumor de tambores.

Fernando Cereja,
(Rua Xavier de Toledo 172,
09010-130 – Santo André, SP)
Manguê haikai ao chico science

Cachoeiro: um rio. Casas penduradas,
como se fossem feitas de brinquedo.
Ruas que sobem para o céu. Folgado
de crianças brincando, descuidadas.

Ao longe, “O Frade e a Freira”, de mãos dadas,
sob a cumplicidade do arvoredo.
Mais próximo, “O Itabira”, ouve, em segredo,
as velhas juras pelos dois trocadas...

Tudo tão terno e tão amigo! Na ânsia
de amar coisas tão simples, como é doce
rever os quadros vividos da infância!

Cachoeiro quanta coisa faz lembrar...
Cachoeiro, que tristeza se não fosse
aqui a minha terra, o meu lugar!

Athayr Cagnin: Minha Terra, de Seixo Rolado, 1982

Vejo
bocas vazias sugando na avidez da fome,
peitos mirrados onde secou o leite,
vejo rostos macilentos
onde a miséria
traçou um caminho cinzento.

Vejo homens fortes implorando piedade
porque outros homens
tolheram suas mãos
e sufocaram
o seu grito de dor
ou de amor...

Vejo crianças tristes
onde a ausência de humano calor
paralisa a alegria e a língua.
Vejo seres humanos
morrendo à mingua.

Onde estão os outros seres humanos?

Heloisa Helena Troncarelli: Procura-se Humanidade,
de Sol-Solaris, 1985

Tens a beleza tão suave e pura
que tudo lembra perfeição divina!
Se do cabelo fuge a cor escura,
nos teus olhares o negror domina.

Possuis no corpo tanta formosura
que o novo encanto só produz rotina,
o teu semblante faz lembrar ternura
da natureza, na sutil matina.

Há no teu vulto, gracioso e belo,
o transformismo do jardim singelo
que se reveste em primaveras tantas!

E neste misto de beleza e graça
tens o mistério que a pureza traça
quando destaca a perfeição das santas!

Hildemar de Araújo Costa: Deslumbramento,
de Sonetos e Trovas, 1997

Jardim da minha cidade,
pequenina, tão distante,
és o marco da saudade,
do meu tempo de estudante.

Cidoca da Silva Velho, de Cantigas do Entardecer.

Testigos insobornables
que han crecido hasta volverse adultas
las palabras nos miran y hablan,
acumulan vicios y virtudes, pierden prestigio,
un comercio infame las envilece.

Pero está allí
con sus exactas sílabas y acentos,
con su cuerpo herido, con su hueso intacto,
a la espera del último juicio.

Romualdo Brughetti, Ultimo Juicio:
de Generacion Poetica Del Treinta
(Lidia F. Lewkowicz), 1974

Última flor do Lácio, inculca e bela,
és, a um tempo, esplendor e sepultura:
ouro nativo, que na ganga impura
a bruta mina entre os cascalhos vela...

Amo-te assim, desconhecida e obscura,
tuba de alto clangor, lira singela,
que tens o trom e o silvo da procela,
e o arrola da saudade e da ternura!

Amo o teu viço agreste e o teu aroma
de virgens selvas e de oceano largo!
amo-te, ó rude e doloroso idioma,

em que da voz materna ouvi: “Meu filho!”
e em que Camões chorou, no exílio amargo,
o gênio sem ventura e o amor sem brilho!

Lingua Portuguesa,
Olavo Brás Martins dos Guimarães Bilac (1865/1918)

Gaya, e tudo que lhe pertence, respeita!
Respeita a vida. Seja qual for! Todo ser
alma tem, e à sua maneira sente e ama.

A natureza, alma mater, ama e protege.
Seu canto, ouve! Com ela dialoga,
e, sem palavras, aprende.

Dos vis que lumpesinam a Terra;
afasta-se! Aos vendilhões, repulsa
a mais veemente, com justa cólera,
vota-lhes. E a mais piedosa comiseração.

Nelson Brotto, 1 Purificação, 1ª parte (Gaya, Terra)
(versão do grego pré-clássico):
de Pitágoras, Meditação.

As rosas amo dos jardins de Adônis,
essas volucres amo, Lídia, rosas,
que em o dia em que nascem,
em esse dia morrem.

A luz para elas é eterna, porque
nascem nascido já o sol, e acabam
antes que Apolo deixe
o seu curso visível.

Assim façamos nossa vida *um dia*,
inscientes, Lídia, voluntariamente
que há noite antes e após
o pouco que duramos.

Ricardo Reis, de Poemas,
Antologia de Fernando Pessoa (1888/1935)
de Cleonice Berardinelli, Nova Fronteira, 1985

Seleção Edson Kendi Iura

UM TROVADOR EM FOCO – JOSÉ VENTURELLI SOBRINHO –

À noite, perdido o sono,
a saudade chega, enfim,
nesse abraço de abandono,
que os meus braços dão em mim!

Esta trova de saudade, porque saudade é o tema
preferido deste trovador, é uma das jóias do livro
“Pequenas Rosas de Amor”, lançado em fins de julho,
pelo nosso irmão Otávio Venturelli.

Mas vejamos... esta outra trova que, como se vê, nasceu
no mesmo berço, embalado com o mesmo amor:

Teu vulto meigo e risonho,
num abraço alegre estreito;
mas eras apenas sonho...
e abracei meu próprio peito!

Esta, composta 30 anos antes, é de José Venturelli
Sobrinho, querido e saudoso pai do nosso Otávio
Venturelli, de quem o filho herdou a grandeza humana,
a humildade e a ternura do talento e trovador, os
olhos de descobrir a beleza, o poema multiforme capaz
de criar outra vez a nebulosa primitiva e de explodi-la
em estrelas de poesia, todas de 1ª grandeza.

O velho Venturelli Sobrinho, que jamais deixou de ser

jovem, nasceu em Pedra Branca, hoje Pedralva, em Minas Gerais, numa das primeiras auroras do século XX
Seu currículo humano, artístico e profissional, é um
imenso rosário de honras e glórias. Entre quase uma
centena de títulos a que fez jus, vejamos apenas alguns:

- Cidadão Carioca e Cidadão Pousoalegrense
- General do Exército
- Engenheiro, jornalista, professor, aviador, condecorado pela FEB, laureado em poesia pela Academia Brasileira de Letras;
- Com prêmios em música, em escultura, em desenho e pintura; foi cognominado o “Políartista”, o “Poeta-Soldado Brasileiro”.
- Publicou vários livros – e nesse turbilhão de vida e de artes, ganhou um dos seus maiores prêmios... o de ter sido um dos mais inspirados trovadores brasileiros.

Com trovas maravilhosas, como estas:

No templo da natureza,
ao torpor das noites quietas,
a Lua é uma hósta acesa,
para a comunhão dos poetas!

Inspirações, para tê-las,
um poeta apenas requer:
no céu, a Lua e as estrelas,
na Terra, o amor e a mulher!

Neste trajeto, onde escolhos
se afixam em desenganos,
feliz de quem tem nos olhos
a alegria dos vinte anos!

Tudo é festa quando assomas
e com festas me seduzes:
teu corpo, festa de aromas,
teus olhos, festa de luzes!

Depois que te vi, beleza,
eu me senti tão disposto,
que entrei minha tristeza
na covinha do teu rosto!

Tens muito do que idealizo,
no teu encanto moderno;
serias meu paraíso,
se não fosses meu inferno!

Guerreiros de altas conquistas,
nos calores da emoção,
meus lábios são veranistas
à espera do teu verão...

Quando o meu amor confina
com o teu, beleza nua,
bebo volúpia divina,
mas a sede continua...

Neste viver excecando,
de um contraste negro e atroz
vivemos sempre chorando
por quem não chora por nós!

Menina, boião de rosa,
que na alegria viceja,
tua cabeça cheirosa
perfuma a brisa que a beija!

Os encantos tentadores,
meigas armas de dois gumes,
nas mulheres ou nas flores,
depende dos seus perfumes!

Nesta existência diluída
no infinito resplendor,
o amor, que é a vida da vida,
tem a vida de uma flor!

Entre a ventura e a desgraça,
vejo, entre alegre e tristonho,
que o amor é um sonho que passa,
quando não passa de um sonho!

Como a tristeza e a saudade
são a noite da alegria,
não existe claridade
que não se apague algum dia!

Teus passos eu sigo a esmo,
numa atração que me assombra,
deixando de ser eu mesmo,
para ser a tua sombra...

No bosque de estrelas e ermos
que, enlavados, contemplamos,
convido-te a no perdemos,
uma vez que nos achamos!

Faltavas em minha vida
e procurar-te era em vão,
porque estavas escondida
dentro do meu coração!

...e, além das provas de amor pela
minha amada, a realização maior da
felicidade de toda um existência em
busca da verdadeira ternura... e do
eterno:

Não existe maior glória,
nem glória de maior brilho,
que o de alcançar a vitória
da posse amada de um filho!

José Venturelli Sobrinho,
o velho trovador;
Otávio Venturelli,
multiplicando a herança do pai!

Resumo da palestra feita na reunião de
08.08.98 da União Brasileira dos
Trovadores – Seção São Paulo, SP, no
Clube Português de São Paulo, pelo
trovador Zaé Mariano Carvalho do
Nascimento Júnior.

KIDAIIS DE PRIMAVERA



Sobrinho pede aponta pipas no céu faço um origami. Carlos R. Barbosa de Jesus	Semana do livro. Contemplo na minha estante Machado de Assis. Helvécio Durso	Presas ao tronco, bolinhas de gude. Jabuticaba. Nadyr Leme Ganzert
Convide à leitura... Livrarias enfeitadas. Semana do livro. Cecília do Amaral Cardoso	De azuladas cores o jacarandá se veste. Floresta enfeitada. Humberto Del Maestro	Na ausência do dono jabuticabeira é festa frutas e moleques. Neide Rocha Portugal
Luz, vozes e som esvoaçar de borboletas desfile de moda. Cecy Tupinambá Ulhôa	Formatos e cores pipas ao sabor do vento é festa no céu. Joana de Toledo Machado	Vento fustigou flor branca da goiabeira. Chão – arte floral. Olga Amorim
É quinze de outubro. Crianças batendo palmas, professor sorrindo... Djalda Winter Santos	Dez anos de vida e o pé de jabuticaba... cada vez mais novo! João Batista Serra	Canta o bem-te-vi na laranjeira florida. Escuto... Não vejo! Olga dos Santos Bussade
Olha que beleza o ar hoje está colorido. São os pagapias! Domingos Durante	Canário amarelo, anunciando o amanhecer seu canto é singelo. Josefina da Silva Carvalho	Alboreas da aurora. Canários cantam alegres na velha varanda. Olíria Alvarenga
Bem-te-vi canta um beijo de namorados dado às escondidas! Edel Costa	Filhotos no ninho do criadouro de arame – canto de improviso. Leonardo Cezário dos Santos	Pipa em movimento, sobe ao ar, a trepidar, no ritmo do vento... Santos Teodósio
Manhã sorridente... – Que en canto, acorda-me um canto, bem-te-vi pungente! Fernando L. de A. Soares	Feriado escolar. Alunos brincam louvando o mestre em carinhos. Leonilda Hilgenberg Justus	Novelo sumido... E a tricoteira suspeita: – gatinho na sala! Sérgio Bernardo
Desfilam escribas, mestres mudos, invisíveis. Semana do Livro. Fernando Vasconcelos	Aos pés do ipê colho as flores já mortas... ...cores... ainda...vivas! Luis Koshitiro Tokutake	Bela melodia ouço da minha janela. Canários cantando. Sueli Teixeira
Em meu telhado; brincando com criança, lindo gatinho. Flávio Henrique Velasco	Dia do Professor em canção que me acarinha flor rima com amor. Maria de Jesus B. de Mello	Coral de trinados. O bem-te-vi em destaque – pose de maestro... Teruko Oda
Sol forte, alegria biblioteca no caminho. Semana do livro. Haroldo R. Castro	Entre mil estantes, guri arregala os olhos. Semana do livro. Maria Reginato Labruciano	Chega a ventania. No ninho de passarinho os filhotes piam. Thereza Costa Val

Alzo los ojos: no hay nada.
Silencio sobre la rama,
sobre la rama quebrada.

Octavio Paz
(Antologia do Haikai Latino-Americano, 1993;
Aliança Cultural Brasil-Japão, Massao Ohno/Editores)

Numa ternura infinita
a lua, com mãos de prata,
vem prender laços de fita
nas tranças verdes da mata.

Amália Max

Só a leve esperança, em toda a vida,
disfarça a pena de viver, mais nada;
nem é mais a existência, resumida,
que uma grande esperança malograda.

O eterno sonho da alma desterrada,
sonho que a traz ansiosa e embevecida,
é uma hora feliz, sempre adiada
e que não chega nunca em toda a vida.

Essa felicidade que supomos,
árvore milagrosa, que sonhamos
toda arreada de dourados pomos,

existe, sim: mas nós não a alcançamos
porque está sempre apenas onde a pomos
e nunca a pomos onde nós estamos.

Vicente Augusto de Carvalho (1866/1924)

Triste hora tardia.
A rua agradece a lua
pela companhia.

Cyro Armando Catta Preta:
Horas Mortas, de Frestas, 1996

Poeira de estrelas cadentes
é à noite caem nos camentos
são com certeza as sementes
que germinam pirlampos!

Amália Max

Um sobressalto!
Ofuscação!
O caminho
ofusa o fusa!
Gritos e ais
na colisão!
Ficam no chão
sangue no asfalto
e um nunca mais!
Vêm os curiosos,
vêm as versões,
vem a polícia.
Ninguém viu nada.
Somente a estrada
ganha manchete
noutra notícia.

Cyro Armando Catta Preta: Noturno,
de Enigma/Estigma, 1982

O pardal! Deixai-o
comer o trigo e viver
alegre. Escutai-o!

Abel Pereira, de Poesia Até Ontem, 1990

Poça de água preta.
Sobre ela a dança amarela
de uma borboleta.

Cyro Armando Catta Preta: Brejo,
de Palhas do Tempo, 1993

Disfarçando... disfarçando...
o sol, malandro das horas
vai aos poucos levantando
a saia azul das auroras.

Amália Max

Mientras los periódicos
se deshojan
tu te cubres de pájaros.

Pares y Nones, Octavio Paz (1914/1998)

No pé da oliveira,
entre manacás,
ipês e carvalhos,
vou me encontrar lá,
no chão da Duda
cheirando caju...
Cyro Armando Catta Preta: Árvore,
de Enigma/Estigma, 1982

SOBRE O QUE É E O QUE NÃO É HAICAI

Paulo Franchetti, em 05.06.98: <franchet@unicamp.br>

O haikai é menos uma questão de forma do que de atitude. De fato, o que a pequena forma do haikai teria a nos oferecer que não pudésemos encontrar na nossa própria tradição? A brevidade é a essência da quadrinha popular e do epigrama, tal como o herdamos dos gregos e dos romanos. A composição por justaposição também se encontra em muitas quadrinhas. E o enquadramento dos sentimentos e emoções na sucessão das estações, também.

Do ponto de vista da métrica, o haikai (tal como foi aclimatado no Brasil) é totalmente artificial. No sentido que não existe nada em comum entre o nosso sistema métrico e o japonês. Por outro lado, a sequência de 5, 7 e 5 sílabas é estranha à nossa tradição, a tal ponto que um bom *verse-maker* como Guilherme de Almeida teve de achar uma solução rítmica que produzisse, no interior da fórmula, uma regularidade que soasse melhor aos ouvidos acostumados à tradição do verso português.

Insistir na fidelidade à métrica guilhermina ou na simples sequência 5-7-5 é sempre possível. Mas é importante saber o que isso significa: que não se trata de nenhuma característica essencial do haikai, de nada que recupere, em sentido ou em forma, alguma parte essencial do sentido do poema japonês.

Por outro lado, usar o haikai como uma quadrinha me parece também desinteressante. Temos já a quadrinha, que é uma forma muito antiga, pertencente à nossa própria tradição. Haikai com espírito de quadrinha, do meu ponto de vista, é quadrinha com gosto de exotismo superficial. Ou seja, jogo de salão.

Nessa linha de pensamento, o que constitui o interesse da prática do haikai?

Todas estas considerações não pretendem ser normativas. São apenas o produto de uma longa convivência com o haikai japonês e com a prática de haikai entre nós. Portanto, constituem uma opinião, e talvez uma tendência.

Dito isso, acho que o interesse da prática do haikai é duplo. Por um lado, é um exercício de alteridade: tentar ver o mundo de um ponto de vista externo à nossa tradição internalizada. Por outro, é um caminho, um jeito de ser, uma atitude frente à vida.

Por isso, não gosto de haikais especiosos, em que a metáfora ou o jogo de palavras ou os conceitos fiquem sendo o centro da atenção. Uma arte magra, em que o sentido simbólico pode existir, mas em que o essencial é o registro limpo de uma sensação ou percepção – isso



Kigós para os três haicais a serem entregues

até o dia 10.11.98:

Chorão, Dia do Mar, Potrilho.

Até o dia 10.12.98:

Aruacária, Curió, Dia da Bandeira.

Fazer um haikai é como tirar uma foto ou filmar. Vemos o kigo (focalizadores), sentimos, com a mente vazia (sem preconceitos), o que estamos vendo (fotografamos ou filmamos) e escrevemos (revelamos), compondo assim um haikai com kidai, ou seja, haikai com tema da estação, por conter, *como assunto principal* o kigo, palavra da sazão. O haikai deve ser narrado no instante da ocorrência e à vista do kigo, com 5-7-5 sílabas poéticas (sons) cortando-o após o 1º ou 2º verso, mas de forma tal que o leitor não se “perca” no relacionamento de ambas as partes, nem estas estejam por demais relacionadas. O haikai conterá ainda sutilezas que o leitor perceberá por si mesmo, sem a aparente explicação do autor.

* Manoel Fernandes Menendez
Praça Marechal Deodoro 439, Apto. 132
01150-011 - São Paulo, SP

1. Preencher os três haicais de cada seleção, conforme seus respectivos kigos, em uma única ½ folha de papel carta ou ofício, escrever o nome e o endereço e assinar. * Entregá-la normalmente pelo correio, com nome e endereço do remetente, até o dia 10 do respectivo mês. Os haikais não precisam ter, necessariamente, cada um dos três kigos do mês, isto é, pode-se repetir ou não cada um deles nos três haicais, bem como usar sinônimos corretos.
2. Posteriormente o haicasta receberá, devidamente numerada, a relação dos haicais desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.
3. O haicasta se compromete a enviar numa folha, que será entregue até o último dia do mesmo mês, o resultado dessa sua seleção. A folha conterá, respectivamente, o nome do haicasta selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaxio do outro, o número e o texto de cada haikai assim escolhido, sob pena de não o fazendo, perder os votos que venha a receber os haicais de sua autoria. Escusado dizer-se que na seleção não se escolherá haicais de própria lavra.
4. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do dia 10 do mês seguinte.

Ao longo da estrada,
pitangas bem maduras!
A escola que espere...
Ercy M. M. de Faria

Sorri para nós,
no dia do trovador
a rosa vermelha.
Elen de Novais Felix

No quadro, o pomar...
incrustada de rubis,
uma pitanguiera.
Fernando Vasconcelos

Na praia de inverno, de-
vagar, caminha um homem...
com as mãos nas costas.
Maria Reginato Labruciano

Garotada alegre
na viaza vai à venda
com suas pitangas...
Mariemy Tokumu

Dia do Trovador.
Da janela do trem vejo
diversos poemas...
Mariemy Tokumu

Recitando o vento,
no Dia do Trovador,
uns versos de brisa.
Fernando Vasconcelos

Na Praia de Inverno
caranguejos, tatuzi
passciam tranquilos!!!
Edel Costa

Desastre ecológico
faz pitanguera chorar
lágrimas de sangue...
Santos Teodósio

Desabando do alto,
espalham-se pela grama
pitangas bicadas.
Renata Pacolla



IPÊS EM FOLHA

Passarada em festa –
pelos galhos, pelo chão –
pitangas maduras.
Sergio de Jesus Luizato

Na praia de inverno,
nos destroços da maré...
boneca quebrada.
Maria Reginato Labruciano

No vácuo das ondas
em vazia e fria praia
uma bola brinca.
Mariemy Tokumu

Generosos galhos
carregados de pitangas
e guri também...
Luis Koshitiro Tokutake

Na manhã cinzenta
só cachorros passeando
na praia de inverno.
Alba Christina

Praia de Inverno.
Conchas na areia úmida
ninguém para catar...
Quelen Carini A. Tabosa

Em rubros sorrisos
no “Dia do Trovador”
rosas na janela...
Ercy M. M. de Faria

Violão em punho,
no dia do trovador
é trova e seresta.
Cecy Tupinambá Ulhôa

No ousado decote
da praia, um colar de espumas...
Vagalhões estrondam...
Darly O. Barros

Quatro lindos versos
no dia do trovador,
amor declarado.
Olga dos Santos Bussade

Pássaro e garoto,
mesma vontade nos olhos:
aquela pitanga.
Sergio de Jesus Luizato

Na “Praia de Inverno”
a solidão se aconecha.
Dorme ao som das ondas...
A. M. Gerda Bornheim

As rubras pitangas
coloriram minha boca:
– Batom azedinho!
Edel Costa

Sabiá já viu
a pitanga vermelhinha.
Jantar garantido!
Cecy Tupinambá Ulhôa

Das florzinhas brancas
surgem as rubras pitangas,
qual gotas de sangue.
José N. Reis

Marés fumegantes
e a sensação de vazio,
na praia de inverno.
Fernando Vasconcelos

Mostra de rubis
na vitrine do pomar:
– Pitangas maduras!
Maria Madalena Ferreira

O sol, brandamente
aquece as águas do mar,
na praia de inverno.
Santos Teodósio

Dezoto de julho:
para um príncipe e uma rosa
um dia especial.
Alba Christina

Um barco pesqueiro
uma visão solitária
nas ondas de frio.
Alba Christina

No canto, está só.
Não balança. Hoje, é lembrança...
Saudade da avó.

Cyro Armando Catta Preta: Cadeira de Balanço,
de Frestas, 1996

Brasil de mulas aladas,
fazem de tudo uma festa,
concordam com mil burradas,
sem ninguém de bem à testa.

Usina mal construída,
dinheiros mil, mal versados,
a moral destituída,
e os homens de bem, calados.

Bandidos em profusão,
fazem pilhéria do honesto,
que resolvendo a questão,
de dinheiro, pega o resto.

Tudo parece brinquedo,
nas mãos de uma criança,
treinando, num arremedo,
governar a terra amada.

Meu Deus, ative os bons homens,
para tão graves senões,
chega pois de lobbisomens,
governando tais questões.

Elisa Mariana Cembraneli: Mulas Aladas e Lobbisomens
(1992), de Mulas Aladas e Lobbisomens, 1997

é o que eu acho que o haikai tem de diferente. É com isso que, eu creio, ele pode contribuir, trazendo algo novo para a nossa tradição.

Por outro lado, o haikai, assim compreendido, é uma atitude e uma atividade, mais do que um produto. O poeta, ser de eleição, não é o senhor do haikai. O haicasta aprende pela imitação e por meio das correções que os outros haikastas sugerem ao seu verso. Aprende um jeito de olhar e um jeito de ser. Talvez não se tenha pensado o suficiente sobre o aspecto coletivo da prática do haikai. Sobre a importância do momento e da situação em que o haikai é composto. Ou sobre a relação entre o texto e a pessoa que o produz. Há um trecho do Sanzōshi em que Bashō, julgando um poema, pergunta quem o tinha composto. Sabendo quem foi, disse que era um bom (ou mau, já não lembro) poema, mas que se tivesse sido composto por tal outra pessoa, o julgamento não seria o mesmo.

Isso, na nossa tradição, não parece fazer muito sentido. Nós tendemos a pensar o texto como algo que se resolve em si mesmo. Ezra Pound, que mergulhou profundamente nos textos chineses e na obra de Confúcio, entendeu o ponto, quando disse, no ABC, que uma verdade dita por um ignorante não tem o mesmo valor que a mesma verdade dita por um sábio. Isto é: o que se diz, numa determinada situação, deve ser avaliado em função de quem o diz. E se é verdade que uma criança de dez anos podia produzir mais facilmente um haikai segundo a escola de Bashō do que um erudito, também é verdade que o objetivo da escola não era coletar haikais de crianças de dez anos, mas recuperar o seu olhar num contexto de erudição e de formalidade. Ou seja: quando Bashō escreveu que as rãs pulam fora dentro do lago e fazem barulho, renunciou a todo tipo de reflexão e de investimento simbólico – a um conjunto de ideias. Seu *hokku* inaugura uma nova maneira não exatamente pelo que diz, mas pelo que deixa de dizer, pelo que se recusa a continuar dizendo.

Da mesma forma, um dos momentos mais altos da poesia de Issa é aquele em que ele diz: Apenas estando aqui, estou aqui. E a neve cai. – Nesses versos, a beleza provém da recusa de dizer o que normalmente se diz, pela voluntária redução ao essencial.

Buscar esse despojamento, essa capacidade de simplesmente estar, olhar, ouvir – isso me parece o que o haikai tem de mais impressionante a nos ensinar. Isso não encontramos na nossa própria tradição. Então é justo e necessário que o busquemos onde existe, como forma de ampliar os nossos referenciais.

Por tanto, renunciar sempre que possível à metáfora, à rima, aos jogos paronômicos, ao sentimentalismo (que, segundo Bashō, enlaimea o haikai), ao pieguismo – renunciar sempre a isso não me parece uma regra abstrata, mas uma resistência à tentação de reproduzir, num tom levemente exótico, o mesmo conjunto de atitudes a que estamos acostumados. Isto é: automatizar. E eu acho que o maior interesse da prática do haikai é justamente o oposto: desautomatizar, abrir novas perspectivas.

Daí que, embora nada tenha pessoalmente contra os praticantes da quadrinha que transferem para o haikai o método compositivo e o espírito da quadrinha, não veja o menor interesse nisso. Daí também que não tenha interesse pelo haikai especioso, espiritualizado, produzido à maneira de Guilherme de Almeida. Daí também, por fim, que o haikai metafórico, ostensivamente simbólico ou formalmente trabalhado me pareça sempre pobre, entediante, ou, o que é pior, um simples exotismo: um resultado da preguiça de perseguir o novo do haikai ou de enfrentar decididamente a nossa própria tradição num poema não exótico.

É claro que esse é um ponto de vista parcial, que não quero impor a ninguém. Mas acho que devia apresentar novamente alguns dos princípios e pressupostos que estão na base da apreciação que, de vez em quando, venho fazendo dos poemas postados na lista.

(Lista de Haikai <haikai-l@unicamp.br>)

Trechos da Xerox gentilmente ofertada por
Douglas Eden Brotto <kenzo@vnet.com.br>